

## **PATRIMÓNIO INTANGÍVEL**

### **A TRADIÇÃO DOS MAIOS**

A tradição dos Maios, que vem desde os tempos remotos da "Antiguidade Clássica" é uma festividade concretizada no dia 1 de Maio, associada à vinda da Primavera e à fecundidade da terra e por isso era também a festa das donzelas. Nesta festa as mulheres dançavam a "charola", um baile de roda à volta de uma árvore ou mastro florido colocado na praça pública, comandado por um mandador. A tradição propagou-se por toda a Europa e em muitos países, incluindo Portugal, há documentos medievais que provam essa transversalidade. No Algarve, como noutras regiões isoladas, a tradição perdurou, embora com as metamorfoses próprias do passar do tempo. Na tradição mais antiga, vestiam-se meninas donzelas de branco, com as cabeças ornamentadas com flores e uma coroa, sentavam-nas às portas das casas ou nas açoteias e em frente delas cantava-se e dançava-se em baile de roda. As raparigas não deveriam sorrir nem pestanejar e eram chamadas de Maias, donde ainda se use dizer em relação a uma pessoa parada, que parece um Maio. A alegria dos moços era tentar fazer a Maia sorrir. Nas aldeias as várias Maias rivalizavam entre elas e aquela cujo "mastro ou balho" tivesse mais gente era eleita a "Maia da Aldeia". Quando não havia Maia armava-se uma boneca em sua substituição, chamando-a de "Maio".

Diz Ataíde Oliveira na monografia de Estoi, datada de 1914, que a tradição é muito antiga na terra e a festividade é aí descrita da seguinte forma: " Em o 1º de Maio a freguesia de Estoi oferece-nos o aspecto de um dia de noivado, crianças lindíssimas de ambos os sexos coroadas de rosas e vestidas de papoilas e malmequeres, passeiam pelas estradas e recebem dos transeuntes mimos e oferendas".

Essa tradição terá caído em desuso, já nem subsistindo na memória das gentes. Contudo, na sua rápida pesquisa, o historiador acabou por não se aperceber, nem falar, em três tradições desse dia, generalizadas nesses tempos na aldeia e que ainda nos dias de hoje se mantêm vivas. A primeira, a de "Atacar o Maio", ou seja, beber logo pela manhã em jejum, um copinho de aguardente acompanhado de uns figos ou amêndoas. Não há ninguém na freguesia, hoje, que não saiba ainda o significado da expressão "Atacar o Maio", mesmo aqueles que não seguem a tradição. A segunda, a de armar os "Maios" à porta das casas, janelas ou varandas, ou seja, colocar bonecos, em tamanho próximo do natural, confeccionados artesanalmente pelos proprietários da casa, muitas vezes equipados com de um garrafão de vinho, visando dizer que é dia de beber e com uma quadra alusiva ao próprio dia. A terceira, a de ir comer caracóis

com a família, ou os amigos, à beira das ribeiras da freguesia, havendo nesse dia, liberdade para subir às nespereiras dos hortejos particulares para comer os seus frutos.

Nos dias de hoje, para honrar a tradição, a aldeia de Estoi anima-se com a Festa dos Maios. A comunidade dá largas à imaginação, confeccionando bonecos coloridos e criando vistosos cenários de enquadramento. A estes cenários corresponde uma sátira que incide fundamentalmente nos aspectos da vida quotidiana. São muito diversificadas as temáticas abordadas pelos Maios ao longo das estreitas ruas da aldeia: o casamento, a viuvez, a terceira idade, a tradição de beber uns copos no Dia Maio, a agricultura, as pequenas indústrias artesanais de carácter doméstico, como é da empreita, os comerciantes tradicionais (almocreves), os usos e costumes e a sátira ao poder político. A representação é muitas vezes complementada com uma pequena mesa posta com uma garrafa de medronho, aguardente de figo ou licor e uns figos ou outros acepipes que são oferecidos aos transeuntes, para "Atacar o Maio".

Para além dos bonecos, a representação é feita nalguns casos por pessoas, chamados "Maios Vivos", como é o caso de Maria Inês, uma das mais antigas habitantes da aldeia, que se senta à porta de casa, trajada a preceito e oferece a quem passa dois dedos de conversa e o tal copinho atrás referido.

Paralelamente, a Junta de Freguesia complementa a decoração da aldeia com folhas de palma e flores nas portas e janelas e organiza uma feira de produtos do mundo rural do Algarve, um festival gastronómico tradicional nos restaurantes da terra e espectáculos musicais.

### **A FESTA DA PINHA**

No dia seguinte à Festa dos Maios é o dia maior da aldeia de Estoi, é o dia da "Festa da Pinha", uma festa que se enquadra dentro da mesma tradição da festa da Primavera e do renascer da natureza, que envolve e arrebatava a população da aldeia em peso e que leva ao rubro milhares de visitantes que ocorrem ao seu cortejo final.

Esta festa foi criada pelos almocreves de Estoi, no âmbito dos festejos em honra da Senhora do Pé da Cruz, Padroeira da sua Confraria e terá tido origem no séc. XVII, precisamente na época da construção em Estoi da Igreja do mesmo nome e da criação da confraria a ela associada.

Diz a lenda que pernoitando na serra um pequeno grupo de almocreves acordaram a meio da noite cercados por uma enorme alcateia de lobos, como nunca se houvera visto. Aflitos e sem grandes meios de defesa, organizaram-se o melhor que puderam,

invocaram a protecção à sua Padroeira, a Nossa Senhora do Pé da Cruz e aguerridamente atiraram-se aos lobos. Milagrosamente, em resposta à sua reacção e apesar da enorme diferença numérica, os lobos fugiram. Em euforia os almocreves regressaram sãos e salvos a Estoi dizendo que só o milagre da Nossa Senhora os tinha salvo. Seguidos por toda a população dirigiram-se reconhecidos à Igreja da Padroeira, para lhe agradecer e prometeram que daí para frente e para todo o sempre e para que o milagre não fosse esquecido, iriam anualmente concretizar uma grande romaria em homenagem à Virgem.

Coincidindo no tempo a comemoração do dia da Senhora do Pé da Cruz, ou dia da Vera Cruz e também com a Festa de Maio já referida noutro capítulo, esta festa que hoje tem a designação de Festa da Pinha é uma romaria ao género das romarias espanholas, um desfile que envolve 100 cavaleiros e 30 carroças engalanados com flores, secundados hoje em dia por 30 tractores floridos também, transbordando de vida e juventude dos romeiros, nos seus trajas típicos de algarvios. Num cortejo com 1km de extensão, cumprindo uma tradição multissecular, a romaria sai de manhã da aldeia de Estoi e perfaz um passeio de 15 km, atravessando caminhos em terra, estradas concelhias e nacionais, para chegar ao Pinhal de Ludo, na freguesia de Almancil, onde se concretiza um almoço campal, onde os grelhados na brasa e o vinho são reis, uma grande confraternização, cheia de música e alegria. A tradição antiga mandava que os romeiros, depois do almoço, realizassem um jogo intitulado das abarcas, através do qual mediam forças, mas hoje em dia, o baile acaba por ter mais adeptos. Ao fim da tarde, faz-se horas do regresso e o cortejo dos romeiros torna a constituir-se. A meio do caminho, à entrada da aldeia de Santa Bárbara de Nexe, tem uma banda filarmónica à sua espera e para cumprir a tradição, acompanhado da música, sobe à aldeia para saudar o povo dessa freguesia. Já é noite serrada quando o cortejo chega ao Coiro da Burra, a pequena povoação localizada junto à Ribeira do Rio Seco, que antecede a aldeia de Estoi. Nessa altura, os romeiros agarram e acendem os mil archotes que irão iluminá-los no desfile até à Igreja da Padroeira e assim brandindo-os no ar, enquadrados pela música da banda filarmónica e o colorido do fogo-de-artifício e elevando um grito rouco de "Viva a Pinha", respondido em unísono pela multidão, que os aguarda nas ruas e largos da aldeia, chegam à Igreja do Pé da Cruz, onde com o resto dos archotes, alecrim e pinhas trazidos do pinhal do Ludo, acendem uma fogueira monumental em honra da Nossa Senhora.

Pela noite fora, o arraial irá prosseguir no Largo Ossónoba, centro histórico da aldeia, por entre um misto de cheiros do alecrim ardido na fogueira e dos cavalos dos romeiros e a alegria de uma jornada em que se cumpriu a Festa da Vida.

A tradição da escolha do pinhal de Ludo para concretização do almoço campal virá do primeiro quartel do séc. XIX, época, em que José Coelho de Carvalho, se radicou em Faro, se tornou o maior empreendedor da região e Morgado de Ludo. Com o seu empreendedorismo, este foi o homem que retomou a exportação dos produtos da região, parada havia séculos, tendo sido mesmo, o primeiro exportador da nossa cortiça. Trabalhava em conjunto com os almocreves de Estoi, que lhe forneciam as mercadorias necessárias ao seu negócio, sendo em Ludo, na data da Festa da Confraria dos Almocreves, que concretizava o acerto de contas com os mesmos, nomeadamente os pagamentos inerentes às compras concretizadas. Na posse dos seus rendimentos não admira que os almocreves concretizassem uma festa, comendo e bebendo em profusão e entrando exuberantes de alegria no seu regresso a casa em Estoi e que fossem dar graças à sua Padroeira, pela felicidade nos negócios concretizados e pela protecção que havia dado ao seu trabalho, defendendo-os dos ataques dos lobos e das quadrilhas de ladrões, que habitualmente ocorriam na serra.

### **AS TRADIÇÕES DO NATAL**

Nas primeiras comunidades cristãs nunca existiu a celebração da festa do Natal, estando a liturgia primitiva toda concentrada à volta da Morte e Ressurreição do Salvador e sendo a Páscoa a festa das festas do cristão. O Natal surgiu mais tarde, como a "Festa da Luz", em que o Nascimento de Cristo é celebrado como a aparição junto da humanidade do novo "Sol" que vem iluminar o mundo. Não se sabendo a data exacta do seu santo nascimento, aproveitaram-se as datas de 25 de Dezembro, no ocidente e de 6 de Janeiro no oriente, datas de festividades pagãs, para de uma forma pedagógica e sem combater frontalmente as festas pagãs, criar uma nova festa, no mesmo dia e com outro significado. A partir do séc. VII, pouco a pouco, a festa do Natal começa a surgir estruturada, mas ainda como sendo um tempo de preparação - o Advento e com vigília de jejum. Esta celebração festejava como um todo, não só o próprio Nascimento de Jesus, mas também a Epifania, o Baptismo no Rio Jordão e as Bodas de Canã. Deste modo, passou a haver dois ciclos litúrgicos importantes: o pascal e o natalício. É, contudo, São Bernardo, no séc. XI, que lança o alicerce para o nascimento de uma nova espiritualidade, dando realce à humanidade de Jesus e à figura de Sua Mãe, criando a devoção Mariana, sendo o grande precursor das festas populares do Natal. A partir do séc. XII numerosos artistas começam a pintar e a esculpir cenas da vida de Cristo e poetas, músicos e escritores vão dedicar-lhe as suas obras. No seguimento da pregação de São Bernardo é, porém, São Francisco, no início séc. XIII, o grande divulgador dos temas da Humanidade de Cristo e da devoção mariana, levando-as aos conventos e ao povo. Conseguindo autorização do Papa para concretizar a encenação ao vivo do



Nascimento de Jesus, porque até então estavam proibidas as representações teatrais dentro da Igreja, dá origem ao Presépio. Mesmo assim, nos séculos que se seguem, por causa do jejum obrigatório de vigília, não havia ceia de Natal, nem festa da família, nem prendas, nem presépios, nem árvores de Natal, sendo estas celebrações natalícias muito recentes, tendo aparecido com a evolução da celebração festiva do Natal.

Ainda assim, poder-se-á afirmar que a tradição natalícia, que na nossa freguesia chegou aos nossos dias (meados do séc. XX) era, efectivamente, a celebração do Nascimento de Jesus e compreendia, o armar do Presépio e a sementeira das searinhas que lhe era inerente, a ida à Igreja na Noite de Natal para participar na celebração da Missa do Galo, o entoar de cânticos dedicados ao Nascimento do Menino e a colocação pelas crianças do sapatinho na chaminé, para receberem prendas do Menino Jesus. O jantar da noite de Natal era uma refeição melhorada, mas feito basicamente para o agregado familiar residente na casa e depois da Missa do Galo a família ainda se juntava à mesa, para beber uma chávena de leite ou um chá, ou comer uma linguiça assada ou umas amêijoas abertas. A partir dos anos 80 novos usos globalizados assentaram por cá arraiais e embora, ainda se arme o Presépio, a árvore de Natal é Rainha, a chaminé já não tem sapatinho na Noite de Natal, as prendas são do Pai Natal ou até mesmo da família e a ida à Missa do Galo é, na maioria das vezes, prejudicada pela abertura das prendas que ocorre depois do jantar, que reúne normalmente um grande grupo de familiares e até amigos.

### **O Presépio**

Foi a encenação ao vivo do Nascimento de Cristo, por São Francisco de Assis, em 1223, que deu origem ao aparecimento do Presépio na Itália. O Presépio ao vivo vulgarizou-se no século XV. Foi, porém, em 1478, que surgiu em Nápoles um Presépio monumental, com figuras em barro, que pode ser considerado o precursor dos Presépios que chegaram aos nossos dias. A partir daí a ideia propagou-se e surgiram presépios de diferentes materiais, desde a terracota à madeira, dos de cera aos de barro policromado, ou ainda de composição mista de materiais, com figuras articuladas ou não, esculpidas com roupagens ou vestidas de roupas confeccionadas em ricos tecidos. Florença, Roma, Avinhão e Antuérpia foram os grandes centros irradiadores dos presépios. No séc. XVIII este presépio invadiu as casas da aristocracia e após a Revolução Francesa foram-lhe introduzidas as figuras populares do dia-a-dia e foi assim que ele se vulgarizou e se espalhou por toda a Europa e desta foi levado para África e América Latina pelos missionários Jesuítas e Franciscanos. Em Portugal nesta época Machado de Castro grande escultor ligado às obras do Convento de Mafra e de imaginária religiosa, criou vários

presépios, verdadeiras obras de arte, integrados dentro do espírito do Barroco, das quais o da Basílica da Estrela.

Paralelamente ao desenvolvimento deste tipo de presépio, inspirado na representação do Nascimento apresentada por São Francisco de Assis, outro tipo de presépio, com outras origens, foi-se vulgarizando pela Europa. A imagem do Menino Jesus em pé, com o mundo na mão, surgiu na Contra Reforma. Em 1497, fruto da devoção ao Menino, é feita em Florença uma procissão, que leva a sua Imagem num andor, ou charola, apresentado em pé, com os instrumentos da paixão na mão esquerda e abençoando o povo com a direita. Outros centros europeus concretizaram procissões idênticas e assim esta imagem de Jesus Menino, com o mundo ou os símbolos da Paixão na mão popularizou-se por toda a Europa. O Carmelo de Avinhão, na Provença francesa tornou-se o maior centro produtor e irradiador desta imagem, que se tornou presente em todos os conventos e igrejas nos séculos XVII e XVIII e posteriormente em casas particulares. Chegada a altura do Natal, o Menino era exposto colocado (armado) em cima de um altar, adornado com laranjas e searinhas de trigo, visando abençoar as colheitas, sendo chamado de "presépio, lapa, ou lapinha": Por vezes, esta exposição era complementada com um arco de verdura à volta, enfeitado com laranjas e flores ou outros adereços de papel e dizia-se "armado em capela".

Era este o "Presépio" mais tradicional armado nas casas particulares do Algarve, nomeadamente em Estoi, no séc. XIX, sendo o altar construído a partir de uma mesa ou cómoda, a que se sobrepunham gavetas de diferentes tamanhos, que eram cobertas com lençóis e panos bordados, dando o efeito de um trono de Igreja, a que se sobrepunha o Menino. As searinhas (trigo ou lentilhas) eram sempre semeadas no dia 8 de Dezembro, dia da Senhora da Conceição. Na nossa região, as imagens do Menino Jesus mais divulgadas eram as confeccionadas por artesãos populares, que exerciam a profissão de "santeiros" ou "pinta santos" em complemento de outra actividade principal. No início do século XX, a família abastada do barrocal vestia o seu Menino, com túnica ou vestido branco, com rendas, nervuras e entremeios ou vidrilhos e os mais pobres, com um vestido de paninho fino, de fraca qualidade, com pouca decoração e bastante curto. Normalmente, era no casamento que os noivos recebiam de oferenda dos pais essa imagem do Menino, que deveria abençoar a sua nova casa.

Só já no séc. XX o outro presépio, que seguia os moldes desenvolvidos do presépio Napolitano se popularizou na região. As grandes obras de recuperação e valorização do Palácio, empreendidas por José Francisco da Silva - Visconde de Estoi, entre 1893 e 1909, não deixaram de contemplar este aspecto artístico que até então nunca tivera assento no Algarve, excepção do presépio Napolitano de

Moncarapacho. Para uma das casas de fresco do jardim, a do patamar do lago, foi encomendado pelo Visconde a José Pedro da Cruz Leiria, um presépio barroco, ao estilo da escola Machado de Castro, que ficou permanentemente exposto e era visível através das portas com vitrais, que abriam solenemente na época natalícia.

O tempo foi deteriorando algumas das peças e estrutura desse presépio que se tornou famoso em toda a região e há alguns anos, após a aquisição do imóvel pelo Município, as peças foram retiradas, cuidadosamente restauradas pelos técnicos do museu municipal, onde aguardam a conclusão das obras de recuperação da casa de fresco para voltarem ao local a que pertencem.

Aberta que esteve sempre aos visitantes, desde a data da sua inauguração, esta zona do Palácio onde foi implantado o presépio, ele tornou-se um ponto de visita obrigatório, que a par dos jardins do Palácio, projectados de uma forma cenográfica, deslumbrava quem ocorria ao local, passando a constituir na região até aí isolada, um marco que depressa serviu de "âncora" à revolução do presépio do Algarve. É a partir de então, que pouco a pouco, o presépio tradicional do Menino armado em altar vai caindo em desuso, substituído pelo presépio encenado da forma paisagística. Mesas e caixotes passaram a servir de estrutura ao monte onde a cena se desenvolvia, um lençol velho "pintado no barro" envolvia essa estrutura dando o ar térreo à superfície do solo, ao qual o musgo apanhado junto aos ribeiros e noutras zonas sombrias e húmidas acrescentava o verde próprio dos campos no inverno e os bocados de cortiça virgem da serra do Algarve faziam a simulação das zonas rochosas das encostas e da gruta do Nascimento. Na casa do oleiro da terra, o senhor Anselmo Oleiro, as figurinhas eram confeccionadas na própria olaria e toda a aldeia ocorria a ver o seu presépio. Depressa se começaram a importar as figurinhas das oficinas do norte do país, que passaram a fazer parte do acervo de todas as casas. Nos anos 60/70 chegou, com outras modas e usos globalizados, a "Árvore de Natal" e embora em muitas casas da aldeia de Estoi, como por todo o país, ainda se arme o Presépio a árvore de Natal é Rainha.

Por iniciativa da CCDR do Algarve, desde há 8 anos atrás, no sentido de não deixar morrer a tradição do Presépio e criar um evento que marque a identificação cultural de cada aldeia, mobilize a população local e capte visitantes, começou a concretizar-se com enorme sucesso, a "Festa dos Presépios das Aldeias do Algarve", em que Estoi, a par de outras 25 aldeias, participa. É construído um Presépio Monumental, confeccionado artesanalmente por Estoienses, refeito anualmente de modo a ser sempre igual mas sempre diferente, que é implantado na Praça da Liberdade, frente à Igreja Matriz. Durante um mês "O Presépio da Aldeia" mobiliza as atenções gerais, tanto da população autóctone como dos visitantes e a "Sala de Visitas da Terra" ganha mais vida e carácter, recebendo as Charolas e outros grupos de cantares natalícios que no local vêm "Cantar ao Menino".

## **O “Cantar ao Menino” – As Charolas**

Nos dias de hoje, no sotavento do Algarve onde se integra a aldeia de Estoi, os grupos que cantam os cantares de Natal, Ano Novo e Reis são designados de “Charolas”. Este nome e a forma que o seu canto assume uma tradição bem antiga, que vem do tempo dos Gregos, na Antiguidade clássica e se divulgou por toda a Europa. Existem muitos nomes com a mesma raiz, em diversos países, tais como “carole” em francês, “carola” em provençal, “choraula” na Suíça francófona, “quirola” em Espanha. Nos tempos antigos a charola sempre se cantou e dançou, no Natal, Páscoa, Pentecostes, 1.º de Maio, vigílias, bodas de casamento e em todas as festas importantes. A charola é uma cadeia fechada, em que todos os elementos dão as mãos para se unirem e formarem uma cadeia circular. No centro da roda está o principiador, ou mandador, que inicia o canto e depois todos respondem em coro. No Algarve só se conservou nos cantos natalícios, onde adoptou e mantém no sotavento o nome de charolas e na dança permaneceu viva nos bailes de roda e no balho mandado. As charolas algarvias do século XIX andavam de casa em casa a dançar e a cantar ao Menino, diante dos presépios armados, durante a quadra natalícia, normalmente levando também o seu próprio Menino armado numa caixa de madeira devidamente decorada, que era apresentada às pessoas para quem se cantava e com a qual concretizavam o peditório. A Primeira República proibiu toda e qualquer manifestação religiosa fora das igrejas. É assim, que não se encontram quaisquer notícias escritas das tradicionais representações de autos natalícios, nem de cantos de presépio dessa época. O canto do presépio reaparece no início dos anos 20, usando os versos antigos e continuando a apresentar o Menino armado numa caixa de madeira ou até cesta, na qual esperam de quem os ouve uma pequena oferta de reconhecimento.

Essa tradição mantém-se viva até aos dias de hoje e em Estoi como em todas as aldeias do Sotavento do Algarve, a partir de meados de Novembro os grupos de charoleiros, que normalmente envolvem 20 a 25 pessoas, começam a juntar-se em ensaios aos serões, preparando a saída para a rua do Dia de Ano Novo. Nesse dia, no Dia de Reis e durante cerca de duas semanas, seja nas praças públicas, nos cafés, restaurantes, algumas casas particulares, teatros e cinemas, os grupos de charoleiros cantando e tocando vários instrumentos musicais muito específicos, esforçam-se e com gosto e primor fazem dezenas de actuações tentando levar a todo o lado a sua arte de cantar o Nascimento de Jesus e apresentar os votos de felicidades para o Novo Ano de quem os escuta. Normalmente, cada grupo inclui seis tocadores de castanholas, seis tocadores de pandeiretas, dois acordeonistas, um tocador de ferrinhos, um tocador de clarinete, um tocador de saxofone, um guitarrista, um violinista e dois porta estandartes e a pessoa da “Caixinha do Menino”. No canto, seguindo



a tradição que vem desde os tempos remotos da Antiguidade Clássica, um dos elementos assume o papel de "Principiador", cantando a solo, no que logo é seguido por todo o grupo que repete em coro cada quadra do seu canto. O programa mais tradicional de cada actuação é constituído por uma "Marcha de Entrada", pelo "Canto Velho", pela "Valsa das Vivas", pelo "canto Novo" e pela "Marcha de Saída". O "Canto Velho" é um cântico tradicional que relata o Nascimento de Jesus, tem séculos de existência, é cantado de forma igual por todas as Charolas, apenas com ligeiras variações em algumas quadras ou versos. As outras composições são, normalmente originais e mantendo um estilo próprio de cada tipo enumerado, variam em cada charola e cada ano. No seu conjunto as cinco músicas, fazem conjunto variado e com uma sonoridade viva e muito específica derivada do som das castanholas e pandeiretas.

Até aos anos 70 havia em Estoi uma Charola muito específica, intitulada a "Charola dos Homens Honrados", que só se organizava e fazia actuações na "Noite de Reis". O local de encontro e organização era o "Centro Republicano e Recreativo Estoiense", uma associação onde os homens da classe média alta da terra se encontravam todas as noites para jogar às cartas, ao bilhar, ler o jornal e trocar ideias, que organizava também os bailes tradicionais e algumas palestras. Nessa noite faziam o ensaio e saíam para cantar ao Menino, de casa em casa, pela noite fora. Com o encerramento da referida sociedade acabou a "Charola dos Homens Honrados".

### **As tradições gastronómicas da época Natalícia**

Não sendo uma tradição antiga, a do jantar que reúne toda a família na noite de Natal, até porque nos tempos mais antigos as normas religiosas impunham também para esta época a prática do jejum, a época natalícia tem na região e freguesia as suas tradições gastronómicas próprias, principalmente em termos de doçaria.

Refira-se, que apesar do jantar de família ser uma prática recente, está na memória de muitas pessoas, que há décadas atrás, após o regresso a casa vinda da Missa do Galo, era habitual a família (dos extractos sociais mais elevados) tomar uma refeição e que o prato mais usual para essa refeição era a carne de porco com amêijoas.

Para o Ano Novo, contudo, era prática corrente e generalizada, a confecção filhós, empanadilhas (azevias) e bolinhóis, que não só constituíam nesses dias a sobremesa da família, mas que eram também oferecidas aos visitantes, nomeadamente aos membros das charolas que vinham cantar ao Menino e desejar o Bom Ano Novo ao dono da casa e sua família e que duravam até aos Reis. No Dia de Ano Novo e na noite de véspera de Reis a mesa estava sempre posta para o efeito. No seu conjunto, estes manjares são conhecidos como os "Fritos do Natal".

No dia 2 de Fevereiro, dia de Santa Maria, encerrava-se nos tempos mais antigos a época natalícia. A tradição manda fazer para esse dia

as fatias douradas (rabanadas) e em todas as casas é a sobremesa apresentada.

## **AS TRADIÇÕES DO CARNAVAL**

Até ao início da década de 70, na segunda metade do século XX, vários eram os eventos e práticas carnavalescas, que de acordo com a tradição eram concretizadas na freguesia. Uma prática realizada pelas crianças e não só, era a de colocação de rabos aos transeuntes. Consistia essa prática em concretizar, à base de restos de tecidos, uma fita com cerca de 70 centímetros de comprimento, que com um alfinete de cabecinha dobrado, era pregado de uma forma muito subtil, nas costas dos transeuntes, que não se apercebendo do facto, passavam a circular pelas ruas com uma cauda, fazendo o divertimento dos demais. Nos 4 dias de Carnaval, propriamente ditos, outra prática corrente era a de enfarinhar os vizinhos e os amigos, que não gostavam nada da situação, uma vez que as suas roupas não ficavam propriamente muito limpas e assim o caminhar pelas ruas da aldeia por esses dias era feito com atenção redobrada a fim de evitar os brincalhões. O mesmo acontecia em relação às molhas, concretizadas com as velhas bisnagas de água de carnaval. Diferentes eram as enfarinhadelas realizadas nos bailes de máscaras organizados nas duas sociedades recreativas existentes na terra, para as quais de uma forma mais sofisticada se utilizavam os papelinhos (confetis). Eram famosos esses bailes da aldeia de Estoi, em que não só apareciam mascarados trapalhões de cara tapada, como também vários grupos de raparigas que confeccionavam indumentárias subordinadas a temas diversos e que traziam à aldeia muitos jovens forasteiros dos centros urbanos mais próximos, como Faro e Loulé. No Dia de Carnaval era prática haver mascarados pelas ruas e quando chegava a tarde concentravam-se todos no Coiro da Burra, o que levava a população da aldeia a descer ao local, em passeio a pé, para ver as brincadeiras que realizavam. No dia seguinte, quarta-feira de cinzas era o dia do "Enterro do Carnaval". Um grupo de foliões mascarados, concretizava um esquife com um boneco, que percorria as ruas da aldeia em brincadeiras que preconizavam o final da festa, o enterro da folia, dando a partir dessa altura entrada à Quaresma, época de recolhimento e reflexão cristã.

Nos dias de hoje, os festejos começam normalmente uma ou duas semanas antes do dia de Carnaval com a realização de bailes de máscaras. No fim-de-semana principal, começa por haver, na sexta-feira de manhã, o desfile de Carnaval das crianças das escolas, que percorre as ruas da aldeia. Acontecem normalmente, ainda, dois ou três bailes com concurso de mascarados e concretiza-se um carro alegórico, que em representação da freguesia, se desloca aos cursos carnavalescos de Bordeira, Brás de Alportel e Faro, localidades vizinhas.

Os rabos de carnaval, enfarinhadelas e desfile de máscaras trapalhonas do dia de carnaval foram tradições que passaram à história.

### **As tradições gastronómicas da época do Carnaval**

Em termos gastronómicos, a tradição diz, que no Carnaval mata-se o galo e é famoso o galo do Entrudo, comido de cabidela. Como nota refira-se, que a cabidela de galo da nossa região é um prato estufado, em que o galo é confeccionado com o seu próprio sangue, acompanhado com batatas, descascadas e cortadas em pedaços. Para a sobremesa, é o arroz-doce o rei da mesa neste dia.

### **Dia de São José (Dia do Pai -19 de Março)**

Duas tradições deste dia em Estoi:

- 1 – Missa na Capela do Palácio aberta a todo o público como mandava o testamento de Fernando José de Seabra e Neto
- 2 – Dia em que todos os homens iam à confissão, antes de seguir para o seu trabalho no campo.

### **AS TRADIÇÕES DA QUARESMA**

A liturgia cristã primitiva era toda ela concentrada à volta da Morte e da Ressurreição de Cristo, sendo a Páscoa a festa que celebrava o mistério central da Morte e Ressurreição de Cristo – o Mistério Pascal. A palavra Quaresma, vinda do Latim, é utilizada para o período de quarenta dias que antecedem a festa ápice do Cristianismo: a Ressurreição de Jesus, que é celebrada no dia de Páscoa. Inicialmente os Cristãos preparavam a Festa da Páscoa com três dias de oração, meditação e jejum. Só por volta do ano 350 d.c., a Igreja aumentou esse período para quarenta dias e assim criou a Quaresma, que começa na Quarta-Feira de Cinzas e termina na Quarta-Feira da Semana Santa. O período continua a ser reservado para a reflexão, devendo o Cristão intensificar a prática dos princípios essenciais à sua fé e preparar o espírito para acolher o Cristo Vivo, Ressuscitado no Domingo de Páscoa. No seu programa a Quaresma integra actos religiosos de fé, devoção e tradição e a cor litúrgica adoptada para este tempo é o roxo, que significa luto e penitência.

Na época da Contra Reforma (1497) foi concretizada em Florença uma Procissão com a imagem do Deus Menino armada em andor. Esta prática, da concretização de procissões, generalizou-se por todo o mundo cristão, nomeadamente no tempo mais sagrado da sua liturgia, a Quaresma, com a representação dos actos mais significativos da Paixão e Ressurreição de Cristo. É assim, que no início do século XVI se concretiza em Vilar de Frades e pela primeira vez em Portugal, a primeira procissão do Enterro do Senhor, trazida pelo Padre Paulo de Portalegre, depois de uma peregrinação a

Jerusalém. Esta prática generalizou-se depois a todo o território, nomeadamente ao Algarve.

A Corografia do Reino do Algarve de 1577, de Frei João de São José, atesta que no século XVI, os Estoienses já concretizavam as suas procissões, escusando-se de comparecer nas que se concretizavam na cidade de Faro. É assim, que em Estoi, a par de outras cerimónias religiosas da Quaresma, chegaram ao séc. XX várias Procissões tradicionais. A Procissão dos Passos, concretizada dois domingos antes da Páscoa, a Procissão de Domingo de Ramos, a Procissão do Enterro do Senhor, que tem lugar na noite de Sexta-feira Santa e a Procissão do Santíssimo Sacramento no Domingo de Páscoa. Todas estas procissões fazem um extenso percurso através do núcleo urbano da aldeia, com excepção da dos Ramos, que apenas concretiza uma volta à Igreja Matriz.

A Procissão dos Passos é sem dúvida a mais conhecida e a que trás a Estoi mais devotos e visitantes. O andor de Cristo, transportando a cruz às costas, com uma imagem do século XVIII, sai da Igreja Matriz percorrendo as sinuosas ruas do núcleo histórico da aldeia, por entre o cheiro do rosmaninho colocado em frente de cada um dos Passos armados para assinalar a Via-Sacra e vai concretizando paragens em cada um deles. No Largo Ossónoba acontece o Encontro de Cristo com a Sua Mãe, cujo andor provem da Igreja do Pé da Cruz, carregado exclusivamente por senhoras e que é assinalado por uma paragem maior e uma prelecção pelo Pároco, alusiva ao momento, continuando o seu percurso até à Igreja Matriz, em cujo adro se celebra hoje em dia o Sermão Final da Procissão, que até aos anos 70 era realizado dentro da Igreja, de cima do seu púlpito de mármore. Famosos ficaram os sermões do Padre António de Paula Mendonça, que de uma forma arrebatada comovia todo o povo, chegando a haver pessoas que com tanta comoção chegavam a desmaiar na igreja. Por esse facto, ou também, porque sendo filho do curandeiro da terra, aprendera com o pai a ciência dos tratamentos à base de ervas medicinais, certo é que o respeitado padre ficou conhecido como o Padre Bruxo.

A Procissão dos Passos e a Procissão do Enterro do Senhor, são acompanhadas em Estoi pela Banda Filarmónica e têm como guarda de honra vários cavaleiros da terra. Esta última procissão, a da noite de Sexta-feira Santa, segue o mesmo percurso que a anterior e o esquife de Cristo, abrigado debaixo do palio, é acompanhado pelos andores da Senhora da Saudade e de São João Evangelista.

Até aos anos 80, concretizava-se, ainda, a Solene Procissão do Domingo de Páscoa, que seguindo a tradição antiga apresentava a Custódia com o Santíssimo Sacramento, transportada pelo Pároco da aldeia debaixo do Pálio, que era precedida por um extenso conjunto de Cruzes enfeitadas com flores, representando a Cruz onde Cristo foi



crucificado, após a sua Ressurreição. Caiu em desuso esta Procissão na aldeia e infelizmente deixou de se concretizar.

Uma tradição que marcava a Quaresma doutros tempos era da concretização de Contratos de Páscoa. Um mês antes da Páscoa, as crianças e jovens, realizavam contratos, firmados com o trocar dos dedos mindinhos dos dois intervenientes, através do qual prometiam oferecer as amêndoas de Páscoa ao outro contraente, em caso de ser por ele apanhado nesse dia. Rezava, assim, o contrato: Contrato, contrato, contrato fazemos! Domingo de Páscoa, ofereceremos! A partir da data da celebração do contrato os intervenientes tinham que diariamente fazer atenção ao encontro com o outro parceiro, pois o primeiro que visse o outro chamava a sua atenção dizendo-lhe: Ajoelha e reza! O outro interveniente no contrato que era apanhado teria que ajoelhar perante o primeiro. Chegado o Dia de Páscoa, a ordem dada era Oferece e Reza! O perdedor tinha assim que pagar as amêndoas ao outro parceiro. Era uma alegria ver os jovens nesse dia, escondidos pelas esquinas ou subindo às açoteias com vista a apanhar os amigos e fazê-los pagar as amêndoas da Páscoa. Foi tradição que teve a sua época e nos dias do consumismo actuais, acabaram-se os Contratos de Páscoa.

### **As tradições gastronómicas da época da Quaresma e Páscoa**

Desde o início do Cristianismo as celebrações Pascais sempre foram precedidas por um período de oração, meditação e jejum. Ainda no século XX os Cristãos abstinham-se de comer carne todas as sextas-feiras da Quaresma e nos dias da Semana Santa. As tradições gastronómicas desta época são, assim, as tradições dos manjares de Dia de Páscoa, que dizem que para almoço, deve servir-se o cabrito ou o borrego e que a sobremesa é o foliar de Páscoa. Na nossa freguesia pode dizer-se que na maior parte das casas o prato do cabrito ou o borrego do Dia de Páscoa era confeccionado com griséus (ervilhas), semeadas por todos os agricultores no sub-coberto do pomar tradicional de sequeiro. No entanto, por todo o Algarve, é o foliar a especialidade que todos associam à Páscoa, embora, a sua confecção tenha características próprias e variações de zona para zona. No que diz respeito a Estoi, o foliar tradicional é o que é confeccionado dentro de uma forma de bolo ou tacho, em camadas ou folhas de uma massa feita à base de farinha de trigo, amassada com algum leite, ovos e manteiga, sobrepostas umas às outras, coroadas por ovos com casca e rendilhados feitos com finas tiras da massa já referida, que escondem um pouco os ovos e decoram o bolo.

### **AS TRADIÇÕES DOS SANTOS POPULARES**

O Santo António, o São João e o São Pedro, homenageados no mês de Junho, são por todo o país, considerados "Os Santos Populares".

Cá, como em todas as outras regiões sempre existiram festejos e tradições específicas associadas aos mesmos.

O "Armar do Mastro" nos pequenos largos da aldeia ou até mesmo nos terreiros, quando não existia o urbanismo, é uma tradição multi-milenar que perdurou até aos nossos dias. Vem essa tradição, como já foi referido para as Charolas e Dia de Maio, da prática de dançar em baile de roda, de mãos dadas em cadeia, que normalmente era acompanhada de um grupo de cantares comandados por um mandador, complementados por um coro, que repetia a sua prática. Essa prática ainda é corrente nos dias de hoje e manda a tradição que os mastros da nossa terra sejam enfeitados como uma coluna salomónica, com flores de marcela e murta, plantas aromáticas autóctones da região, engalanados com fitas de papel colorido e coroados com uma charola, que faz lembrar uma esfera armilar, encimada por uma bandeira. Pelas ruas da aldeia também ainda é prática corrente a realização das fogueiras de alecrim e o pular da fogueira formulando desejos.

Complementarmente ao "Armar do Mastro", à realização do baile de roda e ao pular da fogueira, outra tradição existiu até há poucos anos, que era a de atirar fogo-de-artifício. Nela se incluíam as bombinhas, bechininas e estalinhos (peidinhos de velha) atiradas pelas crianças e as espectaculares "carretilhas"\*, com as quais os adultos concretizavam espectaculares combates, que impressionavam toda a gente e arrastavam multidões, consagrados na poesia de Emiliano da Costa e na pintura expressionista de Carlos Porfírio. Infelizmente esta prática, pela perigosidade que lhe estava associada foi proibida por lei e como tal foi uma tradição que acabou.

#### CARRETILHAS

I

Junho. Que tédio! Os mastros, as canções  
Iguais, um ano o outro, a mesma balha,  
A mesma estupidez que se baralha  
Nos estribilhos vis, sensaborões ...

É só andar à roda, aos trambolhões,  
Sem um laivo de graça que lhes valha:  
- O círculo vicioso da canalha  
Sem música, sem arte e sem balões ...

Não há nada p´rá í com que os fustigue,  
Corra com eles, algo que profligue  
A vil banalidade e varra as sombras

Virulentas de cio, de chinfrim? ...  
- Ó carretilha, acorda no alecrim  
Das fogueiras, na pólvora das bombas.

II

Dormia a carretilha Domador,  
Deito-lhe a garra e unhando a escorva adusta,  
Chego-lhe à boca um fósforo de cor,  
Da intoxicante cor verde-locusta.

E fui eu acordá-la! Já me custa  
Vê-la assanhada: ao fogo de rancor,  
Segura pelas orelhas, barafusta  
Por me saltar das mãos ... Vai-te estupor:

Liberta a faiscar a estranha fera  
Voa, rasteja, balha, destempera  
Em escovinhas, soprando, como um toiro! ...

Sídero chispando azuis, - pega de Cook,  
A carretilha, zuque-zuque-zuque,  
Raivada (cruzes, diabo): dá um estoiro.

III

Depois da minha, as outras carretilhas  
Vão acordando. Temo-la tramada  
A briga toda a noite, na estalada,  
No faiscar sementes de lentilhas ...

Com a minha acordaram estas filhas  
Do diabo! Cada uma surge espada  
De fogo aos boqueirões desembainhada  
No faiscar o céu de maravilhas!

Sinto-me deslumbrado, olhos de Nero,  
Por ver a aldeia em fogo, a minha Aldeia!  
Arruído, labaredas, destempero,

E entusiasmo! Não cansam, não se fartam  
Até romper o dia lúcido ... Eia!  
Bebedeira de fogo ... Eh! Raios te partam! ...

In "Rosairinha" 1940  
FOTOGRAFIA DO QUADRO DE CARLOS PORFÍRIO

### **Dia de Finados (2 de Novembro)**

Era o dia das 3 missas:

1ª - Celebrada na Igreja Matriz das 6,00 h às 7,00 h da madrugada,  
sendo fundamentalmente destinada aos homens antes de seguirem  
para a sua jorna de trabalho no campo

2ª – Celebrada às na Igreja Matriz das 7,00h às 8,00 h

3ª – Celebrada na Capela do Cemitério a partir das 10,00 h da manhã, na sequência de que os participantes acendiam as lamparinas das sepulturas dos seus familiares já mortos.

## **AS TRADIÇÕES DO SÃO MARTINHO E DO SÃO LUÍS EM ESTOI**

São Martinho nasceu na, no século IV, ano de 316 d.C., em Sabaria, na Panónia, atual Hungria, filho de um oficial do Império Romano.

. Sendo São Martinho o padroeiro da freguesia é natural que esse dia tenha, desde sempre, sido comemorado de uma forma especial em Estoi. Não tendo sido encontrados, até ao momento, memórias escritas sobre a matéria, iremos referir aquilo que as pessoas mais idosas ainda têm na memória sobre as tradições antigas desse dia.

Dois tipos de práticas completamente distintas são associadas a esse dia. Por um lado, as que efectivamente dizem respeito ao São Martinho e que têm muito a ver com a produção vinícola. Sendo uma tradição com 2 000 anos, a da produção vinícola na freguesia, como o atestam os achados arqueológicos de Milreu, é também comprovado, que no Dia de São Martinho, em Estoi, como noutros locais onde a vinha era uma cultura usual e o agricultor produzia vinho, era tradição deste dia, provar o vinho novo. Assim, contam os antigos, que nos anos 20, 30 e 40 do séc. XX, os amigos se juntavam e andavam pela aldeia, de casa em casa, ou melhor de adega em adega, petiscando e concretizando a prova do vinho novo. Em relação ao São Martinho, isto é o que o povo ainda tem na memória, não referindo nada de práticas religiosas desse dia.

No aspecto religioso, o que todos referem, é uma outra prática, que ainda se concretiza, mas que não tem a ver com o São Martinho. A Igreja Católica, noutros tempos, homenageava São Luís no mesmo dia do São Martinho. Assim e considerando que o São Luís é o protector dos animais domésticos, era nesse dia que as famílias aproveitavam para pedir ao Santo para proteger os seus animais e livrá-los de alguma peste que surgisse. Como a representação figurativa ajuda a criar uma realidade, tornou-se tradição na aldeia e provavelmente noutros sítios, que cada família confeccionasse, junto com a amassadura do pão dessa semana, algumas figuras representativas dos animais que criava ou dispunha e que as apresentasse frente ao altar do Santo, pedindo protecção para os mesmos. Essas figuras votivas em massa de pão, pintadas com gema de ovo e decoradas com grão de alfarroba ou cravinho, trabalho artístico artesanal que faz parte do Património cultural intangível da aldeia, foram desde sempre o encanto das crianças, que ainda hoje, após a Eucaristia dominical, gostam de as levar para casa, para



brincar e até mesmo comer. Até há concretizava-se na aldeia O poeta Emiliano da Costa consagrou tal tradição nos seguintes versos.

DIA SANTO

I

Festa. Mercado ao sol, vida barata...  
Curadas as morrinhas do Outono,  
A São Luís, dos animais patrono,  
Muita família traz a sua oblata.

A procissão saindo: ao abandono,  
Crisântemos no chão; vozes de prata  
Que a filarmónica no azul refracta  
Em altas vibrações; pombas sem dono.

Pelas lonjuras, pelas perspectivas;  
O repique dos sinos; as parábolas  
Dos foguetes... E, oh céus! Flamas votivas,

Baixos-relevos de simpleza e graça.  
À porta da igreja, sobre táboas,  
Há porquinhos, galinhas, bois... de massa!

In "Rosairinha" 1940

FOTOGRAFIA DE FIGURAS VOTIVAS DE MASSA DE PÃO

### **O uso do Bioco ou Côca**

Bioco ou Côca era a parte da capa ou capote, que se destinava a cobrir a cabeça do seu portador, que assim desse modo ficava complementando coberto da cabeça aos pés. Consistia numa grande gola ou capuz, que podia apresentar por baixo (No Algarve – Estoi e Olhão) um papelão ou folha de papel espesso para lhe dar a forma de um bico ou tromba, que avançava para além da própria cabeça, quase escondendo completamente o rosto de quem o usava. Aliás, com essa finalidade, era por vezes complementado ainda com um véu, de renda ou tule, exactamente como as burcas que as mulheres do Médio Oriente ainda são obrigadas a usar nos nossos dias.

Pelo facto de esconder o rosto de quem o usava, podendo encobrir criminosos, o seu uso foi legalmente proibido em Portugal em 1890. Contudo, em certas regiões do país, como no Algarve, Alentejo e Açores o seu uso, uma velha tradição islâmica, estava de tal modo arraigado, sendo considerado para a mulher sinal de pureza e virtude por lhe esconder o corpo, que se manteve durante várias décadas, nos hábitos, pelo menos para certas ocasiões como na ida à missa. Há um registo fotográfico feito por Emiliano da Costa à entrada da Igreja Matriz de Estoi, na década de trinta do século XX, que atesta

tal facto, mostrando uma senhora que se dirige à missa (D. Alexandre) trajando desse modo. Aliás, conta-se, que certo domingo essa senhora, usando por baixo do capote uma saia mais colorida, que aparecia ligeiramente abaixo do comprido capote, ainda foi perguntar ao pároco se tal situação não seria pecado.

Na época em que já pouco se usava este traje a “côca ” passou a ser, na imaginação popular, um ser fantástico, mas com forma humana, daí, que na Beira e no Algarve, as mulheres para causar medo às crianças, por vezes tapavam a cabeça e diziam “aí vai a coca” ou “aí vai o papão”.

## **FOTOGRAFIA DE MULHER DE BICO EM ESTOI**

### **Estoi em obras literárias**

**Nova past**aterá encontrado alguns restos do mesmo.

Lenda Festa da Pinha

Poesia de Emiliano da Costa – seleccionados entre muitos outros 2 sonetos

Aldeia Branca

Circunscrito à moldura da janela  
Vai o quadro do dia já em meio,  
Potes de azul derramam-se na tela  
E o sol a rir-se, a rir, bate-lhe em cheio

Que inundação! Por cima dos quintais,  
Sobre os telhados, torres, parreirais,  
É o céu, é o céu azul de mais.

Aflita a aldeia ocorre: e ao ar atira  
O gesso, a cal, chapões de claridade,  
A ver se a cor deslava, o azul se tira ...

Que superabundância – a claridade!  
E eu visto a bata de escaiolador ...  
E eu sou espátula, pincel, pintor  
E eu já não sei o que faça a tanta cor ...

In “Poesias Escolhidas” 1956

Minha Aldeia

Labuta sempre. Atrás do gado manso,  
Afeita aos sóis e às chuvas invernosas,

Neste amanho de geiras trabalhosas,  
Onde se viu maior desembaraço?

Seis dias continuados de cansaços  
Dão-lhe gramíneas e leguminosas;  
Seu quintal de gerânios e de rosas  
Quando o sétimo chega para o descanso ...

Num segredinho murmuro de fontes  
Conversa então co' os cerros, com os montes  
Que em volta, ela de amores estonteia ...

Ingénua, alegre e fresca, ao ar lavado,  
Com a rosa do sol no penteado,  
Como é bela, ao domingo, a minha Aldeia!

In "Rosairinha" 1940

Jorge de Sena

Cabecinha Romana de Milreu

Esta cabeça evanescente e aguda,  
Tão doce no seu ar decapitado,  
Do Império portentoso nada tem:  
Nos seus olhos vazios não se cruzam línguas,  
Na sua boca as legiões não marcham,  
Na curva do nariz não há os povos  
Que foram massacrados e traídos.  
É uma doçura que contempla a vida,  
Sabendo como, se possível, deve  
Ao pensamento dar certa loucura,  
Perdendo um pouco, e por instantes só,  
A firme frieza da razão tranquila.  
É uma virtude sonhadora: o escravo  
Que a possuía às horas da tristeza  
De haver um corpo, a penetrou jamais  
Além de onde atingia; e quanto ao esposo,  
Se acaso a fecundou, não pensou nunca  
Em desviar sobre si tão longo olhar.  
Viveu, morreu, entre colunas, homens,  
Prados e rios, sombras e colheitas,  
E teatros e vindimas, como deusa.  
Apenas o não era: o império  
que os deuses todos tornou seus, não tinha  
um rosto para os deuses. E os humanos,  
para que os deuses fossem, emprestavam

o próprio rosto que perdiam. Esta  
cabeça evanescente resistiu:  
nem, nem mulher, apenas ciência  
de que nada nos livra de nós mesmos.

Araraquara, 12/1/1963

Jorge Cândido de Sena – (Lisboa, 2 de Novembro de 1919 – Santa Bárbara, Califórnia, 4 de Junho de 1978) Foi poeta, crítico, ensaísta, ficcionista, dramaturgo, tradutor e professor universitário, actuando como intervencionista político-pedagógico-cultural. Tinha um posicionamento político livre e denunciador, que lhe acarretou persiguições políticas durante a ditadura de Salazar. Exilou-se no Brasil em 1959 e posteriormente, após o golpe de estado que implantou a ditadura militar no Brasil, em 1965, nos Estados Unidos, onde veio a falecer 13 anos mais tarde, tendo os seus restos mortais sido trasladados para Lisboa em 2009, sendo alvo de uma homenagem de Estado. Na Califórnia tornou-se grande amigo do Estoiense José Manuel (da Priora) Pires lá emigrado também).

